



Experiência, percepção e pedagogia da cor

Juliano Siqueira (UEL/UEDESC)

A percepção é o ponto de contato entre a pedagogia da cor e a noção de experiência estética de Dewey. Para Dewey a experiência estética está diretamente relacionada à percepção do objeto, ao contrário das correntes da Estética que situam este tipo de experiência como algo meramente mental, conceitual. Não que a experiência intelectual para Dewey não possa ser estética. Uma experiência intelectual pode até ser estética; todavia uma experiência estética nunca é meramente intelectual. Neste sentido a percepção não está sempre subordinada ao intelecto.

Pedagogia da cor neste texto refere-se principalmente às proposições dos artistas Josef Albers, Silvestre Peçari Basiaco, Miguel Angel Pareja e Roger Bissière. Peçari é discípulo de pintura de Pareja que estudou em 1937 com Bissière em Paris. Busca-se neste texto articular as ideias destes artistas com a noção de experiência estética de Dewey. Roger Bissière ensinava sobre a cor e deixava o desenho de seus discípulos sem orientação, nem crítica. Deixar o desenho livre é um princípio pedagógico no sentido de respeito absoluto à iniciativa pessoal. Todavia falava sobre o "sentido da cor". Nenhuma teoria, somente a sensibilidade, a experimentação e a intuição de uma cor que se constrói pelas relações de cada cor no contato com as outras cores e finalmente o sentido do todo que compõe o conjunto: a harmonia. A pedagogia da cor herdada por Peçari propicia a pintura-pintura, sem literatura, sem realismo, sem fantasias, sem conteúdos conceituais. Ver a cor. A percepção é a base como em Albers. O caminho é a experimentação como em Dewey; experimentação apaixonada, às vezes dolorosa e solitária.



Peciar ao apresentar a pedagogia de Bissière, destaca que ele não corrigia as cores "suja" ou "mal colocadas", não corrigia as cores que se afundavam ou saltavam do plano. Sua pedagogia levava o estudante a duvidar da cor, do tom, do matiz que destrói a intenção harmônica; sem receitas, sem fórmulas, sem teoria, sem intelectualismo. "Análise" sensível, dúvidas e ênfase nos encontros felizes das cores. Nesta pedagogia cada centímetro quadrado deve ter sua cor com toda consciência de claro-escuro, de frieza ou de calor. Tudo é cor! A cor nasce na paleta, depois o toque no lugar correspondente; sensibilidade para avaliar a forma colorida no conjunto, pesando seu tom, seu matiz. A cor na busca da unidade indissolúvel da grande variedade, sem destoar. Peciar fala de todas as cores "cantando" e se fazendo ouvir sem estridência.

Esta pedagogia da cor de Bissière-Pareja-Peciar se aproxima da maneira experimental de estudar e ensinar desenvolvida por Albers, onde a cor é o mais relativo meio empregado na arte, que nos engana e ilude continuamente. Albers confirma que as leis e normas de harmonia cromática não são pressupostos da experimentação, ele investe em estimular os estudantes a produzir efeitos cromáticos definidos através da apreciação da interação das cores. O objetivo é desenvolver a vista para a cor através da experiência mediante um processo de "tateio", ou seja, observar a ação das cores e senti-las. Sua docência desenvolve a capacidade de observação e articulação.

Numa aproximação destas pedagogias das cores com a experiência de Dewey, podemos pensar num rompimento com a concepção dualista *teoria e prática*. Parte-se da prática experimental, único ponto donde pode derivar-se esta "teoria das cores". Nenhum sistema de cor, afirma Albers, pode desenvolver por si só a sensibilidade necessária para perceber a relatividade e falta de estabilidade das cores. Nesta pedagogia o que conta não é o conhecimento de fatos, mas sim a visão, o ver. Parte-



se de uma constatação visual da interação das cores até chegar a uma consciência da interdependência da cor com a forma e sua localização, com a intensidade luminosa e com a tonalidade. Como Bissière, Albers não dá respostas concretas, mas sugere modos de estudo da cor.

Esta pedagogia da cor refere-se a um dos princípios básicos de Dewey: *"a experiência é uma questão de interação do organismo com seu meio"*. Experiência como interação quer dizer que nunca é meramente mental, nem meramente física, por mais que um desses fatores predomine. Dewey problematiza a ideia que supõe que a experiência ocorra dentro de um "eu", dentro de uma mente. Quando se rompe a relação do ser com o mundo, somos divididos em fragmentos. Dewey considera a interação contínua e variada com o ambiente, ao contrário das correntes da Estética que separam o organismo e o mundo, com base na ideia que a qualidade estética não faz parte do objeto, mas é projetado nele pela mente.

259

Uma pedagogia da cor tem o foco na experiência estética, onde não existe distinção entre o "eu" e o objeto. A experiência é estética na medida em que o organismo e o meio cooperam na instauração da experiência, na qual ambos ficam plenamente integrados que desaparecem. Em japonês usa-se o termo *Kenshō*, em chinês *Wu*, para referir-se à realização da não-dualidade entre o sujeito e o objeto.

Na experiência estética com a cor não há necessidade do controle do "eu", a questão é perceptual diferente das experiências 'práticas' e 'intelectuais'. O 'sujeito' da experiência estética fica livre do desejo diante do por do sol ou de uma pintura, seus desejos se realizam na própria percepção. Ele não quer o objeto em nome de uma outra coisa. Considera-se a percepção por si mesma, como a realização plena de nosso ser psicológico.



O artista ao usar a cor tem uma experiência em que a ação não é automática, mas tem um toque emocional e imaginativo. Considerando Dewey o foco da pedagogia da cor é a percepção direta, pois a obtusidade na percepção nunca pode ser compensada por nenhum volume de conhecimento, nem pelo domínio de teorias abstratas. Não existem regras nem padrões que substituam a percepção sensível para se chegar à unidade construída pelas relações dos planos de cor numa obra.

Dewey ajuda a perceber de forma sensível às incontáveis interações que compõem as cores na experiência. Parafraseando Dewey ao abordar a crítica de arte, podemos afirmar que uma pedagogia da cor tem a função de reeducar a percepção, auxiliar no processo de aprender a ver, eliminar preconceitos, retirar os antolhos que impedem os olhos de ver, rasgar os véus decorrentes do hábito e do costume, aprimorar a capacidade de perceber.

A capacidade de perceber é o que aproxima a pedagogia da cor da filosofia da experiência. Peciár lembra que quando damos nomes às cores perdemos esta capacidade de percepção; os conceitos mentais tornam-se os preconceitos, os véus, os antolhos que impedem a percepção da interação das cores; percepção que está além do pensamento conceitual e do controle do "eu".

Referências:

*Albers, Josef; **La interacción del color.** Madrid: Alianza Forma, 1980.*

*Basiaco, Silvestre Peciár; **Memórias personales sobre la pintura del maestro Miguel Angel Pareja.** Comunicação pessoal do autor, s/ edição; 64p., Montevideo, 2014.*

*Dewey, John; **Arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2012.*

Juliano Siqueira



REVISTA
APOTHEKE

<http://lattes.cnpq.br/8014633709940019>

Professor no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Londrina. Doutorando em Artes Visuais (UDESC). Mestre em Educação e Artes (UFSM). Bacharel em Escultura e Licenciado em Desenho e Plástica (UFSM). Coordenador do PIBID/CAPES/UEL/Artes Visuais (2013-2016).